A dupla face de Janus da China

Henrique Rattner*

Busto de Janus, no Vaticano

Na mitologia romana, Janus é o rei mais antigo do Latium. Por ter acolhido a Saturno, expulso do Olimpo, este lhe brindou com uma visão em que tanto o futuro quanto o passado estivessem presentes, ficando assim conhecido como dono de duas faces. Essa duplicidade de personagem aplica-se perfeitamente ao papel da política chinesa, neste início de século XXI.

A euforia de ontem sobre o crescimento econômico da China e sua capacidade de manter equilibradas suas finanças enquanto as do mundo ocidental cambaleavam, tendo em vista suas reservas cambiais de 2,4 trilhões de dólares e um superávit comercial de quase 300 bilhões de dólares, evaporou-se e deu lugar a um profundo pessimismo e a prognósticos sombrios quanto ao futuro.

A China está na arena para praticar sua "real politique" cujos vetores não coincidem com as expectativas dos países ocidentais, atolados numa recessão profunda de queda da produção, do comércio e do nível de emprego. A política de crédito, de câmbio e de comércio não será orientada para facilitar a cooperação com os ex-parceiros de ontem, europeus e americanos e sua recuperação mais rápida.

Dois anos atrás, antes de estourar a crise econômica, a política da União Européia manifestara seu otimismo quanto à China, como parceiro "responsável" na gestão do mundo. Vários relatórios, elaborados à época, aludiram à possibilidade da "Europa, junto com a China, formarem uma nova ordem mundial", confiando na capacidade dos ocidentais em persuadir os chineses a cooperar nas questões de mudança climática e do aquecimento global; numa política de desenvolvimento da África e no controle da proliferação de armas nucleares. A Europa estaria em melhores condições do formar uma aliança do que os EUA, por ser um modelo de cooperação e, diferentemente dos Estados Unidos, não seria um rival estratégico.

Ainda em 2004, o então presidente francês, Jacques Chirac, afirmou aos lideres chineses que... "eles compartilharam de uma visão de mundo comum, baseada em um sistema multipolar no qual o equilíbrio internacional poderia ser alcançado por laços mais estreitos entre a Europa, China e a Rússia". Para acrescentar ao golpe contra os EUA, Alemanha e

França proclamaram a necessidade de levantar o embargo sobre a venda de armas, imposto à China pelos Estados Unidos, após os protestos e o massacre de estudantes na Praça da Paz Celestial, em Beijing, em 1989.

Nesta época que foi publicado um livro intitulado "Por que a Europa liderará o século XX"? em que se enfatiza a riqueza exemplar, a harmonia social e a cooperação pós-nacional como valores que iriam em breve permear o mundo todo.

Hoje, o estado de espírito é bem diferente. Na China, nos Estados Unidos e na Europa várias bolhas estouraram simultaneamente, levando estudiosos e comentaristas a caracterizar as idéias anteriores como "wishful thinking". Há poucos dias, em meados de janeiro, numa reunião a portas fechadas entre representantes chineses, americanos e europeus, conotada como Fórum de Estocolmo, sobre a China, foi dada vazão às queixas sobre as atitudes pouco colaborativas da China, seja nos debates sobre mudança climática, ou sobre o programa nuclear iraniano (os chineses aconselham ter paciência e não adotar sanções), ou ainda na questão de sua moeda, o yuan, mantido artificialmente baixo, apesar dos protestos europeus e americanos.

Em 2009, a China encarcerou muitos dissidentes, demitiu editores reformistas e executou um cidadão britânico acusado de tráfico de drogas, embora o governo inglês tenha apelado, alegando doença mental do convicto. A China também criticou Barack Obama por causa da venda de armas a Taiwan e seu encontro com o Dalai Lama. Em encontros reservados com representantes europeus, os chineses apresentaram um novo argumento para levantar o embargo: Enquanto este durar, "a Europa não poderá comprar armas da China".

Em Bruxelas, capital da União Européia, foi grande o choque sentido pelo fracasso da União Européia em alcançar seus objetivos sobre a mudança climática, no encontro de Copenhague. O procedimento costumeiro da União Européia falhou: Costumava-se convocar uma reunião dos lideres, estabelecer as metas a serem alcançadas, definir um ponto final da discussão e, depois, negociar um compromisso a portas fechadas. Negociações são conduzidas com uma combinação de apelos a princípios, um "torcer o braço" e uma redistribuição em favor de países mais pobres. Este modelo fracassou completamente em Copenhague. Os europeus estão aborrecidos com os EUA, Índia e outros parceiros de uma coalizão de "poucas ambições". Mas, sua acusação mais forte é dirigida à China, que teria recusado qualquer menção tocando em sua soberania, além de incitar pequenos e pobres aliados a obstruir qualquer acordo. Os representantes americanos afirmam que a cúpula veio cedo demais, acusando os europeus de manobrar para forçar Obama a um acordo, contra a vontade do Congresso norte americano.

Os representantes chineses afirmam que a ameaça de impor tarifas alfandegárias sobre mercadorias chinesas por parte dos europeus equivale a uma declaração de guerra do mundo rico contra a China, onerando seus produtos e impedindo seu crescimento. Conforme manifestações de participantes chineses no Fórum Econômico de Davos, Suíça, a China estaria mudando seu modelo de crescimento para ficar menos dependente de exportações. Ao mesmo tempo, a demanda interna aumentará, com ênfase no consumo, e será coberta por mais investimentos e importações.

Assim, a China estaria realizando as principais mudanças cobradas por seus parceiros ocidentais.

Americanos e europeus concordam pelo menos no desapontamento sobre a cúpula de Copenhague, enquanto o governo chinês considerou a mesma como um sucesso.

A conferência fez estourar também outra ilusão: a idéia de que liderando pelo exemplo poderia servir como meio coercitivo contra terceiros. A estratégia européia foi pressionar os outros a igualar suas próprias concessões sobre a emissão de gases de efeito estufa, mas suas propostas foram praticamente ignoradas nas negociações.

E, agora?

As ilusões chinesa e americana sobre a unidade européia evaporaram-se, apesar do Tratado de Lisboa, votado e para entrar em vigor em começo de dezembro de 2009. As indicações para as posições de liderança desse Tratado foram de subalternos, augurando poucas esperanças para o futuro. Mas os pontos de vista dos europeus e dos americanos sobre a China estão convergindo. A China aparece como um gigante, afirmando seus direitos de levantar-se, mas rejeitando muitos valores compartilhados pela Europa e os Estados Unidos. No horizonte, surgem sinais de contradições e choques sobre barreiras comerciais e manipulações de câmbio. Alguns representantes norte-americanos e europeus estão concordando sobre a necessidade de um sistema de protecionismo, o que leva a prever desafios severos em 2010. É interesse de todos evitar uma guerra comercial. Políticos norte-americanos e europeus parecem compreender seus interesses comuns e as expectativas da China, com relação ao mundo, mais claramente do que antes. Mas isto é só o começo. Muito dependerá da decisão da China sobre o valor de sua moeda, o Yuan, nas relações comerciais internacionais. Todavia, seus representantes assinalam que a China não vai mudar sua política cambial em curto prazo, ao mesmo tempo em que defendem a abertura dos mercados e criticam o protecionismo contra o ingresso de produtos da China.

---

* **HENRIQUE RATTNER** é Professor da FEA (USP), IPT e membro da Associação Brasileira para o Desenvolvimento de Lideranças (ABDL)